

Olhar e vertigem – miragens barrocas na obra de Frei Lucas de Santa Catarina

Claudia Amorim*

UERJ

“Dirá agora o pio leytor, que prepozito tem agora aqui isto? Que logo parece couza sonhada! Mas porque estou dormindo não digo mais palavra.”
(Frei Lucas de Santa Catarina – *Sonho tão claro que se fez dormindo*)

RESUMO: Esse artigo faz uma leitura da obra satírica *Sonho tão claro que se fez dormindo*, de Frei Lucas de Santa Catarina, enfatizando a crítica produzida pela literatura barroca portuguesa, mesmo em períodos de repressão, e a engenhosidade e virtuosismo verbal dessa estética.

Palavras-chave: arte barroca; engenhosidade; sátira

Sight and vertigo – Baroque mirages in Frei Lucas de Santa Catarina’s work

ABSTRACT: This article provides a reading of the satirical work *Sonho tão claro que se fez dormindo*, by Frei Lucas de Santa Catarina, emphasizing the criticism produced by the baroque Portuguese literature, even under repression, as well as the ingenuity and the verbal virtuosity of that aesthetic.

Keywords: baroque art; ingenuity; satire

OLHAR VERTIGINOSAMENTE É OLHAR ATRAVÉS DOS SONHOS

Quando falamos em arte barroca, associamos de imediato a palavra às imagens artísticas: imagens da pintura especialmente, mas também da escultura e da arquitetura. O

* Doutora em Literatura Comparada (UERJ). Professora Adjunta da UERJ. claudia.amorim@uol.com.br

Barroco é um estilo antes de tudo poderosamente visual.[†] É interessante notar que somente em segundo lugar conseguimos pensar no Barroco como estilo literário. Talvez daí a importância do olhar, ou da “traição” do olhar na configuração deste estilo. O olhar capta mais rapidamente a pintura e a escultura barrocas do que a literatura.

Não é por acaso que se fala no *trompe-l'oeil* ou ilusão de óptica do barroco. Foi o olhar do homem que registrou a mudança de uma visão racional do Renascimento para a visão vertiginosa do Barroco. Àquela época em que este estilo vigorou, séculos XVII e XVIII, a visão que o homem tinha sobre o mundo mudou radicalmente. Como observou Ferreira Gullar, o olhar tornou-se vertiginoso, sujeito a contorções, produtor de efeitos e miragens.

A razão renascentista sofre o primeiro revés com a torção maneirista que os artistas mais sensíveis imprimem às suas obras no fim do século XVI. O Maneirismo, que antecede o Barroco, representa a crise da razão e, portanto, apresenta o mundo em desconcerto. A arte barroca, na esteira do Maneirismo, produz na torção maneirista um contorcionismo virtuoso. O mundo está definitivamente vedado à compreensão racional no universo que o Barroco apresenta. Só se compreendem as coisas pelo seu avesso.

Daí o jogo verbal que se encontra na literatura barroca. A palavra, como representante de algo, não é capaz de estabelecer sentido, em razão de seus múltiplos sentidos. A polissemia é explorada e produz-se um esgarçamento de sentido entre a palavra e o que ela representa. A torcedura visual das artes plásticas barrocas converte-se no texto literário na contorção do sentido, no jogo lúdico entre o dizer e o não dizer, entre o ser e o parecer e na discursividade labiríntica em que, em muitas obras, se transforma a escrita barroca.

Nosso propósito aqui é olhar o Barroco, mais especificamente o Barroco português através da produção literária. Para tal, elegemos a obra *Sonho tão claro que se fez dormindo* de um autor português do Barroco tardio – Frei Lucas de Santa Catarina. Tentaremos, então, olhar vertiginosamente através do sonho o Barroco enquanto arte literária.

[†] O Barroco a que nos referimos aqui é aquele que tem lugar nas cortes palacianas dos países católicos, segundo as diferenciações dessa arte referidas por Hauser, em sua obra *História social da literatura e da arte*. O Barroco dos países protestantes, ou Barroco burguês, apresenta outras características que por ora não nos interessam mencionar, uma vez que o Barroco português e também o brasileiro enquadram-se na vertente do Barroco palaciano e católico.

Barroco - Arte da Contra-Reforma?

É na segunda metade do século XVI que a Reforma consolida-se nos países que apresentarão maior desenvolvimento capitalista na Europa, em meio a uma crescente burguesia. Em contrapartida, a península Ibérica torna-se o baluarte da Contra-Reforma.

Enquanto que nos países da Europa, onde as ideias da Reforma consolidaram-se, o avanço da ciência e da mecânica revolucionavam a mentalidade da época, na península Ibérica, a elite reforçava o pensamento religioso escolástico contendo o movimento emancipador da ciência, que se acelerava naqueles primeiros.

A repressão e a censura exercidas pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição acabaram por minar, em Espanha e em Portugal, principalmente, o avanço do pensamento humanista ainda frágil, como, também, cortaram a comunicação da península com a outra Europa que seguia os passos do racionalismo moderno. No entanto, a ciência prossegue de algum modo. A tensão barroca representa exatamente essa contradição da época, dividida entre a cruz e o telescópio: o olhar anuviado pela presença divina e o olhar perscrutador daquele que observa, mas desconfia de seus próprios olhos. Afinal, o mundo é uma floresta de enganos.

É neste contexto que emerge e cria raízes o movimento artístico denominado Barroco. No entanto, como nos lembra Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1973), não podemos dizer que o Barroco foi uma arte ligada à Contra-Reforma. A arte barroca possui elementos contra-reformistas e elementos reformistas, ou melhor humanistas. Como todo movimento artístico, o Barroco apresenta contradições.

Em Portugal, a Inquisição entra em funcionamento por volta de 1540, período em que se intensificam os autos de fé e em que ganham força política os jesuítas. Estavam fechados os caminhos para a propagação de novas ideias. Em 1547, sai o primeiro índice português de livros proibidos que irá crescer a cada edição. Como sabemos, a censura inquisitorial funcionará em Portugal desde esta época até a primeira metade do século XVIII, tendo sido a mais rigorosa de todas as censuras inquisitoriais. Ela vai se exercer de duas maneiras: através da censura preventiva e através da censura repressiva.

A primeira consistia na censura prévia das obras, o que dará origem à elaboração de índices expurgatórios; a segunda, a censura repressiva, exercia-se através do controle das alfândegas e portos e visitas às livrarias públicas e particulares.

No entanto, apesar de toda a repressão, há de se falar de uma penetração clandestina das obras estrangeiras proibidas, como também da circulação de obras portuguesas manuscritas. Foi grande a atividade da imprensa clandestina e acredita-se que “sem ela não se poderia esperar o surpreendente surto do Iluminismo em Portugal”. (RODRIGUES, 1990).

Frei Lucas de Santa Catarina ou o “cirurgião da experiência” ou o “licenciado nada lhe escapa” ou ainda o “doutor tudo espreguiçada” foi um frade dominicano e também cronista de sua ordem. Viveu entre 1660 e 1740. Autor satírico, burlesco, iconoclasta, compôs também cartas freiráticas. Integrado à elite intelectual de sua época, foi, juntamente com outros homens ilustres, membro fundador da Academia Real da História Portuguesa.

Frei Lucas de Santa Catarina produziu, sob vários pseudônimos, muitas obras que, segundo consta, tiveram grande aceitação entre o público letrado da época. Prova disso é o grande número de manuscritos e cópias de sua obra que se encontram nos arquivos. Foram encontrados, por exemplo, oito manuscritos da sátira religiosa *Sonho tão claro que se fez dormindo*, o que mostra a popularidade alcançada por esta obra. Nesta sátira, Frei Lucas, para fugir à censura, recorre à alegoria do sonho. No prólogo da obra, endereçado “A quem ler”, o autor adverte: “Pessoa que les este sonho (que te não chamo Leitor, porque pode ser testemunho) Eu fis este sonho estando de cama: porque o fis quando dormia, e assim se he disparate foy tresvario de doente.” (RODRIGUES, 1983, p. 205)

Este recurso ao sonho, certamente ligado ao problema da censura, mostra que Frei Lucas provavelmente conhecia a sátira de do poeta barroco espanhol Quevedo, *Los sueños*, publicada em 1627, que também recorre à alegoria do sonho.

Em *Sonho tão claro que se fez dormindo*, Frei Lucas critica cerca de vinte ordens religiosas. Os franciscanos, por exemplo, são libidinosos; os cruzados, ociosos; os bentos, glutões... Frei Lucas se utiliza também de outros recursos para concretizar sua crítica como, por exemplo, os letrados que explicam o sentido das mesmas, as citações latinas dos evangelhos, as referências à literatura profana etc.

Esta obra trata, segundo o autor, de uma “anatomia religiosa sem mais, nem mais” (RODRIGUES, 1983, p. 205). Ora, sabemos que, à época em que Frei Lucas escreve, a ciência anatômica assumia, cada vez mais, uma grande importância. Fazer uma anatomia religiosa era, na verdade, dissecar, ou melhor, fazer a autópsia das diversas ordens religiosas, mostrando seus vícios constituídos atrás de uma máscara de ordem.

Podemos perceber, ainda, nesta sátira um tom paródico na dedicatória, por exemplo, na qual Frei Lucas imita burlescamente as dedicatórias barrocas.

Este pequeno parto do meu discurso, que bem mostra ser filho de tal pay, a ninguém deve pareas e assim o dedico a ninguém. (...) Aqui se prostra, e faz suas reverencias, se falla com religiosos; suas carissimas se falla com freiras; suas merces, se falla com seculares; suas excellencias, se falla com fidalgos ou tambem suas senhorias; e se não falla com ninguém não dis nada, e acabou-se a dedicatoria. (RODRIGUES, 1983, p. 206).

Na verdade, Frei Lucas nos mostra neste trecho o tom de máscara que assume o discurso barroco, mudando o discurso conforme o ouvinte. É preciso mudar o tom quando for interessante que assim o seja.

Na primeira ordem visitada ou no “primeiro paiz da imaginação”, Frei Lucas encontra os franciscanos. Passando de um sonho a outro, ou como diria Frei Lucas, como uma fênix do sonho “acabando-se hua fantezia, nasceo outra, não menos verdadeira, que misteriosa” (RODRIGUES, 1983, p. 211), Frei Lucas passa a falar, então, dos dominicanos, ordem da qual era membro. Mesmo pertencendo a esta ordem, com sua lucidez, não lhe poupa críticas no que diz respeito ao envelhecimento e ao enfraquecimento espiritual dos seus membros.

Dos cruzios, Frei Lucas diz: “passeavão confusamente na clauzurada esfera muytos mossos fidalgos conversadno fresco, todos vestião como bispos mas inda esperavão as letras” (RODRIGUES, 1983, p. 213). O ócio e a riqueza dessa ordem são os alvos da crítica de Frei Lucas.

Em outra “farsa no theatro da fantezia” (RODRIGUES, 1983, p. 214), vê-se uma crítica mordaz aos capuchos, designados, antes de tudo, como ignorantes.

Nesse discurso satírico, ao apresentar cada ordem, Frei Lucas primeiro demonstra os vícios das mesmas e depois, por diferentes maneiras, usando quase sempre o recurso

dos letrados, nos revela a ordem da qual falava, não deixando dúvidas sobre a intenção de sua crítica.

Passando, pois, aos padres da Companhia de Jesus – os jesuítas, o autor indica serem esses padres falsos no saber, seguindo adiante, tece críticas aos bentos – designados como glutões; e, por último, dirige sua crítica aos paulistas – que eram padres que tinham prole. Mais adiante, chega, em seu sonho, às ordens terceiras: “erão terceiros, que contendendo com os primeiros sobre a Ordem, ambos andarão fora della.” (RODRIGUES, 1983, p. 226)

A partir daí, Frei Lucas irá narrar um episódio de sonho para cada uma das ordens terceiras. Falará dos grillos, dos bernardos, dos carmelitas, dos freires, dos loyos.

Frei Lucas lamenta ainda estar já “quazi, quazi acordando” (RODRIGUES, 1983, p. 240) porque assim não poderia sonhar com os religiosos do oratório, ou ainda com os trinos, com os barbadinhos, com os theatinos, com os “charissimos” de S. João de Deos, com os luzios, com os gracianos, com os jerônimos, com o irmão João. No entanto, ao manifestar seu pesar por não encontrar nenhum destes representantes das ordens terceiras acima, Frei Lucas vai tecendo comentários nos quais revela os vícios destas ordens. Todos estes são, pois, aqueles que não entraram no sonho mas que têm tudo para dele fazer parte.

Ao finalizar a obra, numa provocação clara ao leitor, diz Frei Lucas: “Dirá agora o pio leytor, que prepozito tem agora aqui isto? que logo parece couza sonhada! mas porque estou dormindo não digo mais palavra.” (RODRIGUES, 1983, p. 251)

Que propósito tem tudo isto, nós podemos perceber e, mais ainda, nos divertir e deliciar com a engenhosidade deste frei que, mesmo pertencendo ao grupo que critica, não o poupa de seu julgamento crítico; julgamento este que se faz bem ao modo barroco, isto é, disfarçado por artifícios de linguagem, de duplos sentidos, de visões aparentemente paradoxais.

O propósito desta crítica que “parece couza sonhada”, mas que, na verdade, só tem a aparência de sê-lo, é, antes de tudo, fazer a autópsia de setores doentes da sociedade portuguesa seiscentista e setecentista. Criticando por dentro, não a religião, nem a instituição religiosa, mas os vícios dos falsos padres, Frei Lucas na obra *Sonho tão claro que se fez dormindo* nos mostra que é preciso ver além das aparências, e que às

vezes no sonho se vislumbra mais do que aquilo que a “realidade” mostra. Uma das grandes premissas do Barroco é justamente essa: a vida é sonho. *La vida és sueño*, de Pedro Calderón de la Barca, explicita isso.

É preciso, pois, ver – esta visão não é aquela matematicamente construída do Renascimento – é preciso olhar vertiginosamente o quadro social pois assim ele se revelará por inteiro. Toda esta literatura se transforma, então, num jogo lúdico em que o leitor é aquele que deve procurar os sentidos, pois o autor, como vimos, está dormindo e não nos dirá mais palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGOULVENT, Anne-Laure. *O barroco*. Lisboa: Europa-América, 1996.

GULLAR, Ferreira. Olhar e vertigem. In: NOVAES, Adauto (org.) *O olhar*. 2ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, vl. 1.

HOCKE, Gustav R. *Maneirismo: o mundo como labirinto*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

QUEVEDO, Francisco de. *Los sueños*. 2ed. Edición Y notas de Julio Cejador y Franca. Madrid, Espasa Caplpe, 1931.2vl.

RODRIGUES, Graça Almeida. *Breve história da censura literária em Portugal*. Amadora: Bertrand, 1980.

_____. *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina*. (1660-1740). Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Maneirismo e Barroco. In: *Teoria da literatura*. 3ed. Coimbra, Almedina, 1973.

Recebido em 22 de julho de 2011, Aprovado em 8 de agosto de 2011.